



FOTOGRAMAS COMENTADOS

Cinema em alto relevo

ANDREA TONACCI



Olho por olho

Uma postura de cansaço do “tudo de novo”, o contraluz cegante de mais um dia de impotente revolta interior – tudo igual –, de frustrada inutilidade funcional cotidiana. Em seguida, usa o barbeador elétrico, olhando-se no espelho, que me revela, hoje, então desconhecida premonição do futuro macaco barbeando-se em *Bang bang*, quando afinal arranca a máscara para rir da própria história na qual se representa. Em *Olho por olho*, o personagem leva a sério o dia a dia; no *Bang*, a consciência da ficção permanente não mais o ilude.



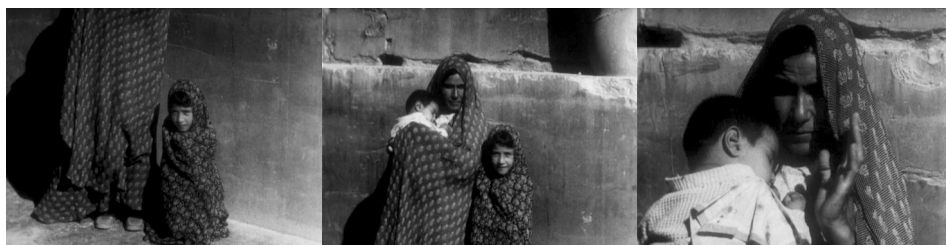
Bla bla bla

É um momento, um fragmento mesmo, 1/24 de segundo da possível expressão de um sentimento referente à frase final de *Primavera Negra*, de Henry Miller (“Esta noite vou pensar no homem que eu sou”), frase que encerra o discurso do “ditador” diante das câmeras. Mas a duração desta cena já muda após a última palavra, dura mais que um segundo e, na escolha deste fotograma, busquei uma imagem em que Paulo Gracindo melhor expressasse para mim o amargo desgosto daquela derrota da arrogante ilusão de Ser.



Bang bang

São Pereio e Jura, intérpretes da própria relação afetiva. Mas hoje vejo explicitamente que ali sou eu e meu momento afetivo com a Lucilla, minha primeira companheira, com meus bandidos fantasmas me perseguindo, e que aquela cena, aquela situação, não era um bom momento para perturbarem. Tanto que nem olhamos para eles, só o espectador os perceberia surgindo do carro e vindo para a presença (como um sentimento interior de conflito que surge e ameaça perturbar o momento de vida presente). Então, naquele momento de tentativa de encontro, naquela “cena”, eles que ficassem de fora, “barrados no baile”, separados por uma defesa invisível dos meus sentimentos. Mas como eram parte da minha própria história, no filme, fomos até socorrê-los após se acidentarem na estrada, para no fim morrerem de sua própria orgia e a invenção da vida merecer uma gargalhada.



Interprete mais, pague mais

Estava andando pelas ruínas do templo de Persépolis (Xiraz, Iran). Acabara de chegar há poucos dias e saíra com o vídeo para descobrir o lugar onde seria encenado *Os Autos sacramentais*. Deixei-me levar pelas formas, pedras, pelas sombras, e as imagens esculpidas eram como cinema em alto relevo sob o sol do deserto. A textura parada das coisas de repente movia-se como uma lagartixa, assumiu vida naquela mulher com as crianças que encontrei estáticas diante do tempo estagnado das pedras. Eram tempo e história viva que estavam a olhar-me. A mosca podia ser eu.



Conversas no Maranhão

Um homem que deseja mostrar-se amigo do índio, e o velho índio não gostando da história. Não lembro do momento em que fiz a foto, percebo que posso ter provocado uma situação constrangedora para o velho casal, posso ter feito a foto a pedido daquele homem, sem ter-me dado conta do eventual desconforto dos meus *intzúm* e *intzé* (pais) adotivos. O velho índio era uma nobreza da aldeia, antigo chefe, ancião do conselho, pai, avô, bisavô de quase metade da comunidade. O outro, um pobre invasor, trabalhador rural posseiro na terra indígena dos Canela (*Apãniekra* da aldeia de Porquinhos), que, respeitada a vontade dos índios, teria que retirar-se do território. Vejo a foto hoje como uma topografia daquela realidade territorial: de um lado o “abraço” dos invasores, do outro, a integridade da consciência histórica e identidade.



Os Arara

O que provoca seu gesto, seu aproximar-se da lente, é ver e ver-se na imagem refletida na superfície espelhante de uma lente Sumilux 50 mm, que tem diâmetro de uns 5 cm. Outros repetem o

mesmo gesto de curiosidade aproximando-se também do *zoom* 12-120 da câmera de vídeo. Crianças e animais também percebem-se surpresos na primeira vez em que se veem em espelhos e vidraças reflexivas; pássaros brigam com sua imagem e morrem quando, voando, chocam-se com um céu virtual. No caso de uma máquina fotográfica, a imagem percebida é mínima, mesmo assim parece haver alguém lá dentro. Não sei se diante de uma imagem refletida de tamanho natural brincariam tão divertidamente.



Serras da desordem

Olhares para um público. Algo como “somos nós” que contamos a história, como um crédito dos personagens, rostos daquele mundo em vez de nomes, dando realidade à encenação que acabavam de fazer da perseguição e captura do porquinho flechado pelo Carapiru. São os “atores” e são ao mesmo tempo os personagens autores de fato da imagem daquele tempo, ali lembrado como invenção no presente. Pensei que poderia ser como uma foto viva: filmar aquele plano foi uma intuição daquele momento, algo que não estava no roteiro, nem na minha mente até então, quando, vendo-os agachados em volta do porquinho, digo “corta” para o Alziro. Neste “corta”, os vi na imagem parada, olhando para mim, espectador, induzido por saber que, em seguida, fotos daquele encontro com a comunidade rural fariam parte da narrativa que estava sendo, coletivamente e emocionalmente, revivida, e não exatamente reencenada nem representada, porque ambos os sentidos pertencem mais à narrativa cinematográfica do que à consciência do ato.



Já visto jamais visto

O casamento de meus pais em 1943, Roma, a 2.^a Grande Guerra ainda presente: ele recém repatriado, fugido de um trem de prisioneiros italianos na Albânia, onde era corpo de engenharia do exército italiano; ela escaladora de montanhas e enfermeira voluntária nos hospitais romanos, o regime fascista em seus estertores. Meu pai, a galanteria afetiva no gesto atencioso, no uniforme que herdei e vesti para tentar “senti-lo” na ficção deste *Já visto*; mamãe, jovem ousada e marota no olhar sério de liberdade adulta para a vida de que a formalidade representa a inflexão. Um momento de minha inexistência, de total ausência de minha imagem. Só nasceria um ano depois.



Quando filmei o Dan com nove anos no alto da Serra do Lopo, em Minas, o imaginei num gesto de vitória, de vida, de dia bem vivido, como um afetuoso desejo paterno para sua vida. Este é também um gesto de pequeno xamã, após um dia

de aprendizado. Tenho memórias de infância em alta montanha, e agora, na revisão das fotos familiares para a montagem deste filme, encontrei uma muito parecida, eu pequeno, mas de frente, em p&b, com os braços levantados como o Dan, de costas para os altos contrafortes dos montes Dolomiti. Uma sintonia imaginável, um encontro de memórias na imagem presente, imagens dando realidade aos sentimentos e intuições ao filmar.